

**DOS MALES AOS MALÊS:
O inconsciente e a política no ato de decapitar
FROM EVIL TO MALÊS:
Or about the unconscious and politics in the act of decapitating**

Fabiola Menezes de Araújo¹

RESUMO: Contra facínoras, o canto e a dança podem o que? Viemos nos livrando assim das consequências da colonização europeia: da misoginia e do racismo que tem lugar no Patriarcado, e que precisamos retirar de nossas entranhas. Diferente do contexto da entrevista de Lélia Gonzalez intitulada Mito feminino na revolução malê, o termo Malês, aqui, será tematizado como uma espécie de possessão delirante – Resistência. Isso porque, na dialética do inconsciente aqui tematizada somos também Eros. Tematizado desde o Banquete, o Eros platônico tornará oportuno retornarmos aos conceitos fundamentais da psicanálise, tal como reformulados por Jacques Lacan e por Lélia. Isso para, a partir da filosofia da psicanálise, revelar como proceder para alcançar o nosso principal objetivo: decapitar as Oropa.

Palavras-chave: Inconsciente; Freud; Lacan; Lélia Gonzalez.

ABSTRACT: Against villains, what can song and dance do? We have thus rid ourselves of the consequences of European colonization: the misogyny and racism that take place in Patriarchy, and which we need to remove from our very core. Unlike the context of Lélia Gonzalez's interview entitled Feminine Myth in the Malê Revolution, the term Malês, here, will be thematized as a kind of delirious possession – Resistance. This is because in the dialectic of the unconscious thematized here, we are also Eros. Thematized since the Symposium, Platonic Eros will make it opportune to return to the fundamental concepts of psychoanalysis, as reformulated by Jacques Lacan and Lélia. This is to reveal, from the philosophy of psychoanalysis, how to proceed to achieve our main objective: to decapitate Europe.

Keywords: Unconscious; Freud; Lacan; Lélia Gonzalez.

INTRODUÇÃO

Quem passa fome
aprende a pensar no próximo, e nas crianças.
(JESUS, Carolina Maria de, 2014, p. 29)
Ai, meu Deus, que bom seria
Se voltasse a escravidão
Eu pegava a escurinha
Prendia no meu coração
E depois a pretoria
É quem resolvia a questão
(Ataulfo Alves, mulata assanhada, anterior a 1956,
apud González, 2020, p. 71)

¹ Profa. SEEDUC; Doutora. pela UFRJ e pela PUC-RJ; E-mail: confabulando@gmail.com

Qual o remédio para as piores mazelas do Brasil: a misoginia e a homofobia estruturais? Para transformar esses males em Malês, sopesemos as possíveis causas dos males. Para os mais religiosos, a ausência de Deus seria a causa do mal. Neste caso, a cura só poderia vir das religiões. O oposto disso: para contra-colonialistas, o próprio apelo ao ‘Senhor’ seria causa de muitos males. Para os ‘fora da lei’, os males viriam da lei. E vice-versa, para os que legislam não haverá males onde a lei vigore. Para os ‘sem lei’, a franga tem que estar sempre solta. Normas sufocariam a libido, ocultando a causa do desejo. Pensar as causas dos males nos permite, agora, ser de uma (im)possível calma. Para alguns filósofos alemães, os males de nosso tempo adviriam do tédio, ou do fenômeno do ocultamento do Ser. Neste caso, a cura só poderia se dar, no primeiro caso, via entretenimento; e, no segundo caso, via atenção na diferença ontológica, e isto quer dizer via um ser-aí angustiando-se na totalidade do Ser. Onde martelar a miséria da desumanização, haverá mais males nascidos da falta de humildade, do que da falta de humanidade. Para Lélia Gonzalez, os males decorreriam, sobretudo, do racismo. O racismo seria injusto porque as etnias mais bonitas vêm a ser as mais humilhadas. No Patriarcado, onde manda a branquitude, o desejo de humilhar é ‘samba de uma nota só’. Personagens como Iracemas, e Claras dos Anjos já nos fizeram pensar, por exemplo, que somos feias. Sopesemos, agora, os pensamentos, por exemplo, dirigidos à bunda, tema de *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (2020, pp. 71, 80, nota h 83). Conforme Lélia, “as manifestações das fantasias sexuais brasileiras” se concentram nesse objeto parcial por excelência da nossa cultura. Em suas palavras:

Pois bem. Pelo menos no que se refere ao Brasil, que se atente não só para toda uma literatura (Jorge Amado, por exemplo) como para as manifestações das fantasias sexuais brasileiras. Elas se concentram no objeto parcial por excelência da nossa cultura: a bunda. Recorrendo ao *Aurélio*, pode-se constatar que essa palavra se inscreve no vocabulário de uma língua africana, o quimbundo (*mbunda*), que muito influenciou os nossos falares. Além disso, vale ressaltar que os *bundos* constituem uma etnia banto de Angola que, além do supracitado quimbundo, falam outras duas línguas: bunda e ambundo. Se atentarmos para o fato de que Luanda foi um dos maiores portos de exportação de escravos para a América... Em consequência, além de certos modismos (refiro-me, por exemplo, ao biquíni fio dental) que buscam evidenciar esse objeto parcial, note-se que o termo deu origem a muitos outros em nosso “pretuguês”. Por essa razão, gosto de fazer um trocadilho, afirmando que o português, o lusitano, “não fala e nem diz bunda” (do verbo desbundar). (2020, pp. 116).

A leitura pós-colonial de Lélia nos traz boas lembranças: Jorge Amado, e o quimbundo. Essa leitura nos traz também um alerta: não devemos fetichizar a nossa ancestralidade. Se a branquitude lê, na bunda, uma coisa consumível, objeto sexual a ser descartado após o carnaval, Lélia lê o erotismo dirigido à bunda como fruto de uma dialética lida assim: quando transformadas em objeto de desejo certas bundas passam a ser lidas pejorativamente. Passam a representar, sobretudo, um descrédito para quem as porta. Aí, nos lascamos. Distanciados do Sertão onde também podemos ser homens, e não apenas animais; exploram-nos. Palavra: diante da bunda, agora, há olhos. Se o português, o lusitano, “não fala e nem diz bunda”, em pretuguês, essa palavra comporta um sentido ancestral. A letra, como lida, determina o sentido tanto do quibundão quanto da quibundinha. Mas, antes, o ciúmes determinará esse sentido, ao menos segundo o Complexo de Édipo. Exploram “as fantasias sexuais brasileiras” aqueles que consomem mulheres. Calculemos: por exemplo, a bunda do Buda será uma bunda a ser lida como do Buda, ou um bundão? Marimbondos na calça. Grilos.

Ris? Quem é criança tem fome de diversão. O capitalismo oferece inúmeros e variados remédios para as infâncias perdidas. Mas, só quem não está em Malês (Gonzalez, 2020, p. 45, p.46 e p.285), mito revisitado por Lélia, sofre desses males. O efeito colonial do capitalismo é claro: um tédio intenso. O abuso de tecnologias passa a exercer um papel higiênico e racista. O curioso é que os próprios robôs nos trazem, por exemplo, Achille Mbembe. E o que Mbembe considera importante? Que haja uma *Crítica da Razão Negra* capaz de criticar os robôs que não apenas nos reduzem a algarismos, mas reproduzem a estrutura racista. Essa é uma demanda de Mbembe (2018, p.14-15). Quem governa, aí, é a falta de silêncio. O silêncio se ausenta quando o Real falta. Onde o Imaginário não alcança o Simbólico, o Real falta. Mas volta a irromper, por exemplo, na palavra bunda, cujo sentido controverso nos coloca em uma cilada. Quem desperta as fantasias sexuais onde se disseminam machismos: o ato do desbunde, ou os moralistas? Na moral, a bunda pode terminar a serviço de nossos algozes. Mas como pode uma palavra transformar alguém em alvo, e outrem, em algoz? Quando se transforma em coisa a língua é muito perigosa. Em África, não era assim. Lá, o desbunde era a festa, e a palavra de ordem, Saravá.

No objeto parcial em questão, fetichizada, essa ‘coisa’: o “perigoso” ato do desbunde? Mas é possível o desbunde ainda no cafofo? Na festa do cafofo, se há brancos, pode-se constatar a imensa polissemia da palavra ‘desbundada’, isto é, sem freios. Aí temos o nosso

problema. Pois se os olhos que lêem esse texto, no ato de ler, agora, já sabem que sofremos racismo, e epistemicídio, poderemos ser reconhecidas, pela ausência de freios, algo decolonial, ou colonial? O Real é foda, é a nódoa. É a nossa tristeza, única certeza. É sobretudo quando não simbolizamos o Real que ele irrompe. E retorna, por exemplo, no Real do sexo. Não fode. Isso é pretuguês, é ancestralidade porém quando ...

Não sacam que tão falando pretuguês. E por falar em pretuguês, é importante ressaltar (como) que o objeto parcial por excelência da cultura brasileira é a bunda (já dito que) (esse termo provém do quimbundo, que, por sua vez, e juntamente com o ambundo, provém de um tronco linguístico banto que “casualmente” se chama bunda). E dizem que significante não marca... Marca bobeira quem pensa assim. De repente bunda é língua, é linguagem, é sentido e é coisa. De repente é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência europeia, muito civilizado etc. e tal. Só que na hora de mostrar o que eles chamam de “coisas nossas”, é um tal de falar de samba, tutu, maracatu, frevo, candomblé, umbanda, escola de samba e por aí afora. (2020, pp 80).

Quem mandar no motor da história terá ao seu lado um dos instrumentos mais radicais da Revolução. E poderemos ser esse motor, no âmbito da filosofia psicanalítica combativa de Lélia, junto ao Real, ao Simbólico e o Imaginário? Ou seremos taxativamente reduzidas ao Real, o que significará excluídas do Simbólico? Agora, no Real da Rede, como “não existe relação sexual” (Lacan, 1985), objetos parciais nos divertem ocupando o lugar do tédio. O tédio, assim, se torna até suportável. Notemos que as letras que aqui se inscrevem são objetos parciais Criptografados de diamantes. Não se trata de um desbunde só nosso, pois. Isso, somado à exploração e ao esgotamento dos recursos naturais, conduz-nos a criticar a situação de crise e de esgotamento planetários como algo irreversível. Não se pode mais ser vagabundo em paz. Conforme Lélia, não se poderia ‘ser vaga-bundo’ já em 1941, durante o Estado Novo:

A Lei de Infrações Penais, em seu artigo 159, afirma que a prática da vagabundagem (referindo-se ao desemprego) resulta em prisão; assim, é fácil perceber que não é permitido ao trabalhador negro ficar sem emprego. Não é por acaso que a população carcerária do nosso país é constituída principalmente por afro-brasileiros. Por essa breve caracterização, vê-se que na “democracia racial” brasileira, com sua divisão racial do trabalho, a população negra é sempre forçada a permanecer nas escalas inferiores da hierarquia social. Não é por acaso que uma expressão, atribuída a um famoso humorista, afirma sarcasticamente que “no Brasil não existe racismo porque

o negro conhece o seu lugar”. Também não é por acaso que o movimento negro se refere à noção de “democracia racial” como um mito. (2020, pp. 60)

Ora que curioso: a arte da *vagabundagem* foi implodida pelo mito da democracia racial. Compreende-se que nós negros seríamos aceitos desde que ‘branqueados’, isto é, endinheirados. Mas quando a Lei é em quimbundo não há preconceitos racistas. A lei é atributo de Xangô, aí, no quimbundo, o que sabe fazer festa, o vagabundo, deve virar Senhor e Rei pois a justiça é ancestral, e os Orixás festeiros. Do deus que devia coordenar, ritmicamente, a arte da bunda, pouco ou nada agora temos. O que conseguimos fazer para Realizar este sonho: de um caminho possível; caminho que, inclusive, desde o início, sabemos que longo é pouco? Sentimo-nos cúmplices do Apocalipse. A situação ainda tende a se agravar. Quando desistimos de saber o que se passa: o “de onde viemos”, e o “para onde vamos”, tudo tende a piorar. Perplexos, perguntamo-nos: no Brasil, viemos tão somente de colonialismos revestidos de lições de catequese? Caminhamos tão somente para a reafirmação dos males da humanidade, consubstanciados por neocolonialismos suicidas?

Para a psicanálise, pode até ser isso, também, mas, antes, cabe ao sujeito perguntar, e decidir: afinal, quais seriam os males? Pensando-os não como coisa ‘em-si’ mas relativizados por questões assim: males de quem, males *para* quem, e males por que? Afugentaremos, assim, a misoginia, e o racismo estruturais em proveito inclusive de um saudável desbunde no cafofo. À convicção de que exista um ‘mal enquanto mal’, ou um ‘bem em si mesmo’, se pode substituir, primeiro, em nossa análise, a postura de evitação do mal, ou dos “males” que atordoam e adoecem. A constatação dos males como aparentam ser, enquanto males, primeiro, pode levar à ausculta de nossa irresponsabilidade para com o desencadeamento de males maiores, como a falta de bunda. Mesmo os males relacionados a um mal absoluto podem ficar suspensos. Parte de um projeto suicida de espoliação do sujeito, o imperialismo quer nos silenciar. E o fazemos com isso? É isso o que importa.

Enquanto sintoma que confere Realidade, *a posteriori*, ao próprio sujeito, a fala em análise parte da hiância entre desejo, e satisfação. Várias seriam as tentativas de preencher essa hiância: ora via sintomas, que não param de obrigar o sujeito a renunciar a uma saúde plena, ora via as diferenças sexuais, que não param de desocultar possibilidades diferentes de sexualidades. Ora é o próprio Ser, frente ao qual podemos estar a contemplar mesmo, narcisicamente, a impossível totalidade. Ora, na diferença sexual, o Ser se oculta; ora se

manifesta. Já os sintomas insistem em se fazer notar, perturbando as normas, se revestindo de tonalidades afetivas as mais diversas, envergonhando-nos frente à moral estabelecida para irromper no Real. E sumir.

Uma definição do ser que somos pode ser assim: um ser cujo Real escapa. Por azar, ou por causa disso mesmo, evidencia-se a necessidade da psicanálise. Pois o retorno desse Real (in)visível sobretudo em crimes é tendência estrutural refreável. Já a ética da psicanálise é certa: através de crimes, postergamos, evitamos o Real. Apenas quando o simbolizamos podemos adquirir o poder de nos situar perante Ele, o Real, e o Outro. E o Real não deixa de irromper. Só quando nós nos descobrimos infantis, podemos, subitamente, amadurecer. Através da análise, nos transformamos de modo a, ideal e progressivamente, passarmos a nos responsabilizar pelos nossos sintomas. Parando de (trans)(re)feri-los a outrem, podemos deixar nascer um outro Outro (*L'Autre*). Perguntar para esse Outro, que passamos a ser, qual o melhor fruto de nosso desejo: isso é psicanálise. O trem doido, sô! Será isso, afinal, capaz de encaminhar aqueles que escutam, e que falam, para o advento de um sujeito íntegro, isto é, com bunda? Aquele que fala, por hábito, denega. Cito:

Vale a pena recordar a categoria freudiana de *denegação* (*Verneinung*): “Processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença”. 3 Enquanto denegação de nossa ladino-amefricanidade, o racismo “à brasileira” se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer (“democracia racial” brasileira). (Gonzalez, 2020, p.115)

Na denegação da bunda, evita-se o Real. É um absurdo tratar a cisnormatividade, e a heterossexualidade como algo que leva à cura. Essas simbolizações exemplificam o fracasso da primeira clínica lacaniana (centrada na noção de mulheres como *phallus*). Feminista, essa clínica, por seu fracasso, mostrou que o Real retorna no tempo, e que não há cultura possível para o Real. Trata-se de uma hipótese que leva em conta a tese de que não possa haver ‘uma mulher’ para cada ‘homem’. O Real seria, na topologia espacial atemporal, o que foge às simbolizações assim como do Imaginário. O Real deixaria de ser a morte quando a morte acontece. E a morte se daria na Coisa (*Das Ding*) que reside no estranho familiar (*Unheimlich*) (Araújo, 2020, p.6 e 18). Na Antiguidade era o Eros, agora é Exu. Como, para a psicanálise lacaniana, não há ‘A mulher’, na morte, morrem o futuro pássaro, e o passado

do sujeito. Como um gesto necessário, e *a posteriori*, a subjetivação revela o diferente. Nem militância, nem religião. É psicanálise.

Assim como no ato de comer o 'ser' da comida some, a bunda, no ato de desbundar, some. Fica apenas a (in)satisfação. É preciso sumirem o sujeito e o desejo, ocultarem-se, onde há satisfação. Esse trabalho de ocultação, para a psicanálise, não é fortuito. A falta, a insatisfação são aqui propostas: ora como a causa do desejo, ora como causa de satisfação. Sarará, a bunda ainda irá nos salvar. Salva está uma bunda impotente, oh minha irmã, mas também é preciso haver fome para se alcançar uma certa satisfação com o ato de comer. Saravá.

1. FOME DE SABER *VERSUS* FOME DE QUIBUNDO

Na filosofia, parte-se da busca do saber. Na filosofia, não se deseja nem compreender o que isso seja: a falta, exemplificada pela fome. Saciar a fome, um bife, e pronto; para os filósofos, isso talvez nem seja possível. Primeiro, sempre, dar-se-á a compreensão. "Em-si" causa de saber: o ato de compreender. Já a psicanálise parte do princípio de que, primeiro, há a falta, depois a falta de compreensão. Dessa falta é preciso não arredar o pé. A psicanálise vai insistir na manutenção da falta, da hiância, como causa de análise, e de desejo. Disso, não se deve esquivar. Há um fardo a ser carregado: das incompreensões como princípio primeiro e inegável do desejo. Por causa do princípio segundo o qual não haverá comida que sacie a fome, a formação dos sintomas é tomada como cultural. Já a cura, não. Porém, não há cultura possível para o Real. Por isso, se come merda, se come tijolo, se arranca a perna fora, é um inferno. Até se pára de comer, se morre de bulimia, anemia, e a percepção é de poder ser 'isso tudo' uma delícia. Não há compreensão possível, mas, no ato de se adoecer, o 'Isso tudo' é da ordem do Real. É isso a morte? Há nisso a morte de um rápido, repetitivo, desejo: o de ser fora da Lei. E logo arrenhido o horror da pedofilia, do incesto, e um irrefreável desejo de morte.

Estaremos, estivador(as), irremediavelmente perdidos? Onde estará a origem do Real? Senão no Simbólico, quem pode carregar esse fardo de incompreensões no sem tempo? Nós, mulheres negras? Em que topos(logos)? Da infância? Da escravidão? Na hierarquia de gêneros, no Patriarcado? Na bunda de fora, sem maldade, aporta o Real, sem sexo; há a inocência do saco feminista onde se desocultaria um amor verdadeiro. Ao

contrário disso, há o ato de furar o limite da hierarquia de gerações, nas imoralidades... assim haverá, infelizmente, a cada representação, o horror do Real do sexo. Por exemplo, nos pais que se colocam como filhos(as) de seus filhos, e abortam a função de pais, invertendo seus papéis no necessário cuidado geracional. Aí, se torna previsível o quando se abrirá a boca do inferno. Para Freud, o inconsciente é atemporal (Araújo, 2019). Para Lacan, ele é lógico (Araújo, 2016, p. 104-107). Já, para quem habita na relação entre imortais e mortais, há um Real (im)possível nos Orixás.

Estudando a sociedade capitalista, percebemos haver uma degradação do homem que em nós habita. Conforme hooks (2013), essa degradação tem por base, primeiro, (1) a misoginia (p.161-172); segundo, (2) o racismo (p.95-96); e terceiro, (3) a manutenção da estrutura frente à incontornável luta de classes (p. 235-252). O Real a partir do qual o capitalismo se estrutura não dá vazão ao ato psicanalítico. Fica sendo um dos maiores desafios da clínica contemporânea a insurgente tarefa de uma supervisão analítica que ofereça saídas ao capitalismo sem que o próprio analista precise abrir mão de seu sustento. Desejando valorizar a falta como o que determina a emergência do desejo, e do próprio sujeito, falemos aqui, ainda, sobre esse "não-lugar" entre o que é, e o que, ainda não é, como crucial para o funcionamento psíquico. No "umbigo dos sonhos" freudiano, tratar-se-á, a bunda, de um resto que não se deixa preencher, um vazio, ou abertura fundamental que nos permite, mais do que ser, *não-ser*.

Ao passo que precisaríamos ter limites para o ato de comer, assim como até para o ato de delirar – por exemplo, sem rasgar dinheiro – necessariamente esse limite (ainda) permanece obscurecido pela cultura. Para quem se deixa tomar pelo Real, na clínica, isso pode ser até bem oportuno. Por uma cultura capaz de, pelo menos, pensar a si mesma, pelo menos delirar a si mesma, buscamos, junto à psicanálise de Lélia, o nosso próprio e acidental desbunde. Junto a essa mineira naturalizada carioca afro-latino-americana (2020) seremos convocadas a articular sexualidade recalcada, gênero e etnia como construções sociais que partem de sintomas específicos. Notemos que, estruturalmente, misoginia e racismo costumam desaguar em sintomas como obsessões, drogadições, infantilização de adultos, adultização de crianças, em suma, violências as mais diversas. Se o Real aparece como aquilo que escapa às tentativas, militantes inclusive, de simbolização do Real, em pretuguês já viemos falando sobre isso, e resistindo a isso desde antes da diáspora. Nos tambores, a simbolização do Real permanece. O orifício da bunda não é o do compadre. O ofício do

psicanalista não é ser ouvido. Assim, pode ter lugar o ato de ouvir o delírio. Isso que diz respeito à existência de uma lacuna, vazio ou abertura fundamental no ser e na linguagem, especialmente no inconsciente e na constituição do sujeito. Isso que pode impedir o fechamento total no desejo, na morte, na clínica, não deve ser evitado. O Real enquanto motor da história, esse motor cuja função é ser causa da (r)existência do sujeito é ele o alvo da clínica.

Nossa reação frente àquilo que pode estar em causa em nossas alucinações revolucionárias, onde aprendemos a transformar os males em Malês, seja em ato de fala, seja em silêncio, merece nossa reverência, e agradecimento, pela descoberta do poder de curar em análise. O que a psicanálise tem a dizer sobre isso – o mal, os males? Que tudo talvez seja mesmo sintoma do mal-estar na civilização... Que a sexualidade, apresentada como invenção europeia e como problema central da psicanálise precisa ser confrontada com as cosmologias brasileiras, nas quais sexualidade e justiça não se separam. Exu aqui surge como figura mediadora de desejo, linguagem e Ser. Seria assim aqui um exercício de contemplação, na ágora, que se reconhece como não estando no paraíso. Ainda. Como temos fé nos gestos invisíveis, a felicidade, para mim, é ter você lendo este texto. O acontecido, também em você, o melhor, e o pior do já havido jazerá junto a essa psicanálise abasileirada. E essa técnica, retornando sobre si mesma, poderá deveras nos livrar da metafísica ocidental? Dispúnhamos no início de bem pouca água. Agora é diferente.

2. DA MAIÊUTICA SOCRÁTICA AOS MALÊS: sócrates como a exceção dos filósofos

Evocamos reformas matriciais — de Creta a uma “reforma sertaneja” — nas quais até Platão se reconhece na centralidade do feminino (em Diotima e na deusa Atena, por exemplo), e isso em oposição às performances tóxicas onde ciúme e inveja comandam. Dentre as facetas trágicas da caverna que alguns nomeiam amor, ciúmes é inveja. Inveja do pai que se mata, e mata com amor de mãe. O mito de edito (i. e., de qualquer preceito legal) deve ser abandonado, como todos os outros mitos. Segundo Lacan, já no *Banquete*, Sócrates ocupa o lugar da função de mestre. Será a recusa desse lugar, enquanto sujeito suposto saber sobre o amor, que dará a ele a função de mestre. Teatral, e teoricamente Sócrates confere a Diotima esse suposto saber: de Eros. O retorno a si, depois, representado pelo nascimento

de Eros, fruto da relação entre Poros e Penia, trará a lume um não-saber que, no entanto, se reconhece como faltante. Sócrates, que ‘só sabe que nada sabe’, sustenta a falta no Outro. Não se oferece como objeto capaz de satisfazer essa falta. E será justamente essa recusa — essa resistência ao fechamento da cadeia do desejo — que lhe conferirá estatuto e renome. Isso porque a recusa mantém o desejo em circulação e preserva a assimetria estrutural do laço, condição mesma da transferência e da transmissão. Axé!

A relação entre Sócrates e seus discípulos, imediatamente posterior ao diálogo de Diotima, no *Banquete*, em grego, *Symposium*, é um dos temas de Lacan. Trazendo a questão de como nasce o amor para o vocabulário psicanalítico, o psicanalista francês formula o conceito de transferência. No *Seminário VIII – A Transferência* (1991), e especificamente a partir da cena onde Alcebiades ‘surta’ frente a Sócrates, e Agathon, lê-se: uma cena final de traição, em pretuguês, talarico. O fura-olhos, um Édipo, agora quem é? Alcebiades, que, no anseio de matar o pai, se dirige à ‘mãe’ Sócrates. E quando a sós, eles matam o desejo? Não na tragédia representada por Agathon. Sócrates, junto a Agathon, causa ciúmes em Alcebiades. Alcebiades tem inveja de Agathon, mais pela proximidade que este mantém de Sócrates do que por sua integridade.

Agathon e Alcebiades, como irmãos, disputam a atenção do filósofo, representante de pais ausentes, da filosofia ou da tragédia: de quem quer que governe, no caso, os corações. Na posição de amantes (*erómenoi*), ambos se oferecem. Desejando inscrever-se no campo do amor filosófico, tendo por mestre o *erastés*, Sócrates, os rapazes sentem que precisam se submeter. E é precisamente na recusa que Sócrates funda a sua singular função: caso venha a corresponder às investidas por atenção, Sócrates os perde. Ao se retirar, resistente ao apelo amoroso, Sócrates se reafirma como figura de exceção, e termina convertendo a abstinência em princípio pedagógico. Sua reputação não decorre da sedução, mas da negativa, que sustenta a hiância necessária à transmissão do saber.

No *Seminário VIII*, a cena de talarico se revela como estruturada a partir daquele a quem se atribui um saber sobre o amor, tornando-se, por isso, o ponto de condensação da transferência. Os discípulos, situados na posição de *erómenoi*, endereçam-lhe uma demanda amorosa que visa ao corpo do mestre e ao saber que nele se supõem. Trata-se de um saber que toda menina é obrigada a ter no Brasil: o de saber fugir. Sócrates é um ‘Et’, um *ovni*, que aparece para logo desaparecer, deixando com sua ausência, além de saudade, a marca da diferença geracional e de gênero. Quem lhe fará par? Ao recusar sistematicamente à

demanda pela posição de *erastés*, Sócrates não se apresenta como objeto capaz de saturar o desejo do outro; ao contrário, ele sustenta a falta no Outro, mantendo aberta a hiância estrutural que funda o desejo. Essa recusa não é contingente, mas funcional: ao não ceder à transferência amorosa, Sócrates preserva a assimetria do laço e impede que o amor se feche na identificação, e na posse. É precisamente por essa posição — a de não responder ao amor com amor — que lhe são conferidos o renome e a autoridade, pois faz do amor um operador de transmissão, e não o seu ponto de obturação.

Que desejavam apenas cavalgar, é possível aferir das negações do próprio Sócrates. A dialética é escuta, mas não apenas isto. A imagem é de uma traição onde um é desejado por dois, como na imagem de um Oxigênio para dois Hidrogênios em uma molécula de água. Em nossa metafórica molécula da água, H_2O , o Oxigênio seria o filósofo, e os hidrogênios as duas personagens que o desejam como mestre: Um mestre para dois discípulos. Como metonímia de talarico nos serve a fórmula de água (H_2O). Sócrates ocupa o lugar de mestre, e atribui o saber sobre o amor à evitação do choque de seus átomos. Esses átomos que gravitam ao seu redor seriam movidos por uma insaciável demanda por afirmação e reconhecimento. À semelhança da estrutura da água, se eles se juntam muito, se condensam, e viram gelo, mas se se separam muito, viram ar na forma de vapor.

Como uma molécula de água, H_2O , pode pensar a si mesma? Sem dúvida Sócrates não recebia dinheiro, mas não será esse um dos fatos que o terá levado ao descrédito em termos de ética? A partir de Platão, em especial do *Banquete*, o desejo poderá passar a ser compreendido como falta, sendo Eros não um deus pleno, mas uma entidade intermediária (*metaxu*), filho de Penia, a carência, com Poros, a abundância. Será caracterizado, Eros como capaz de enlouquecer. Essa concepção o aproxima da morte. Trata-se de apontar para um lugar de travessia, onde se determina a mediação de um Outro — que, na psicanálise, é o analista — para que o inconsciente possa ser reconhecido como falta. A partir da citação de Lacan, o trabalho analítico, então, passará a ser pensado como uma travessia sustentada pelo sujeito suposto saber, em que a falta não é preenchida, mas sustentada enquanto tal.

A cena final do *Symposium*, relida à luz de Lacan, será apontada como um paradigma da transferência. Repetindo: Sócrates ocupará o lugar do sujeito suposto saber, e isso exatamente por sua recusa. Negando-se à demanda amorosa dos discípulos, sustenta a falta no Outro, e permite o advento de Eros. A recusa sustentada na falta no Outro manterá o desejo em circulação, e fundará a autoridade do mestre. Fará do amor um operador de

transmissão, e não de uma saturação. O ciúme e a inveja, efeitos trágicos de Eros, atravessarão essa estrutura, exigindo uma estratégia. Não cedendo à identificação, nem à posse, dá-se o lugar do analista como o lugar da recusa, sempre que possível, do completo desbunde. De forma controversa, já a partir de um segundo Lacan (Seminário XX), é possível afirmamos que Deus, na santa, é o gozo (de um, a c, mulher). Trata-se de um gozo que escapa à significação e à análise, como um gozo na desposseção, daquilo que despossui a santa, produzindo fenômenos de santidade. Nesse sentido, propomos que o povo negro é santo, e isso não por idealização, mas por carregar uma experiência histórica de racismo e de resistência que produz uma ética de estratégias, resiliência e de (re)criação.

3. DOS MALES À PSICANÁLISE DOS MALÊS

Aqui o Bem de Platão é recusado em favor de um Bem-amado, pois compreende-se que a ideia eterna de Bem sustenta violências coloniais e patriarcais. Indígenas-Efigenias², Quilombolas-Cassandras³, caçadas como animais, vitimadas, silenciadas, violentadas... originárias também somos como nas apreensões de Jocasta no *Édipo*⁴, e de Helena na *Ilíada*. Evas e Pandoras aparecem como figuras injustamente culpabilizadas, enquanto o verdadeiro trágico reside no tesão dos Titãs e dos Olímpianos. Entre silêncios, e não-saberes, a respiração para. Apostemos numa ética erótica capaz de deslocar a moral colonial, e abrir caminho para outra política do desejo. Na mitologia onde Titãs (Gaia, e Reia) sofrem violências dos Titãs (Uranos, e Cronos), o fêmeo está sempre a tentar fugir, sem sucesso. Na mitologia onde Leto é impedida de dar à luz a Apolo; e Metis é engolida por Zeus; Tétis, a mãe de Aquiles, é, além de obrigada a casar-se com um mortal, impedida por Zeus de tornar o seu filho um imortal. Se não há *República* possível onde apenas o trágico vigora, não haveria tragédias onde republicanos mandam. O oposto apostando sempre vence.

Indígenas, quilombolas e negras somos mais próximas de figuras trágicas da mitologia grega — Ifigênia, Cassandra, Jocasta, Helena — do que de nossas vizinhas brancas. Para evidenciar como o patriarcado aprisiona o feminino em narrativas de sacrifício, silêncio e violência, a mitologia dos Titãs e dos Olímpianos deve ser lida como uma estrutura

² Vide a *Oresteia* de Ésquilo (2003).

³ Vide a *Ilíada* de Homero (1914).

⁴ De Sófocles (2001).

cosmológica onde a divindade se confunde com o exercício da violência física e simbólica, mostrando que não há *República* possível onde o trágico patriarcal vigora. Essa repetição histórica também marca o contexto brasileiro. A narrativa do sequestro de Europa por Zeus deve ser relida como mito fundador de uma ordem violenta, racializada e patriarcal, contraposta a cosmologias afro-brasileiras nas quais o poder feminino e a justiça se afirmam, como nas figuras de Iansã e Xangô. Superar o colonialismo exige um gesto monstruoso para o Patriarcado: assumir a posição de uma Medeia revolucionária, que vence não apenas por representação simbólica, mas pelo ato de decapitar.

Sabemos que o *Super Ego* — inflado por ideais morais cristãos — frequentemente devora o *Id*, produzindo violência, paranoia, obsessões, vícios e autodestruição. Como alternativa, contrapomos aqui a figura de um fêmeo *Super-Id*, aliado ao *Ego*, capaz de enfrentar as estruturas racista e misógina. Trata-se de um *Id* que não pretende ser ou perder o *phallo*, mas que sustenta o *omphalo* — o umbigo dos sonhos — como abertura do/ao desejo. Em oposição ao Superego religioso (“de missa”), esse *Super-Id* visa poder deslocar o gozo mortífero e interromper a lógica suicida que atravessa tanto a violência de gênero quanto os sintomas paranoicos, nos quais o cuidado aparece mascarado de exigência. O que quer a nossa bunda? Ser vista sequinha. E com os seus saquinhos.

A pulsão de morte, entendida como dimensão do Real, emerge do impossível término do desejo — isto é, da impossibilidade de abolir a falta — e reproduz aqui situações trágicas exemplificadas pelas figuras da mitologia grega, como Jocasta, Édipo e Antígona. Nesse percurso, os “males” são transformados em sintomas pela escuta clínica, permitindo ao analisando que traz seus males lê-los como via de acesso aos Malês. Aqui não há nada além da mascarada. Isto é, de uma posição de sofrimento bruto cuja elaboração sustentará a falta da falta. Só fazendo falta poderemos ser celebradas. Nesta “Nossa Coisa”, a noção freudiana de *Das Ding* é retomada como cuidado s-Exu-al, o que determina a abertura de um espaço para uma escuta meditativa em que o *unheimlich* vem a emergir. A música de origem diaspórica — nomeada como MPB, Música Preta Brasileira — é aqui elevada à condição de saber popular e divino, capaz de reativar figuras como Iansã e Xangô. Nesse registro, Lélia é aquela cujo pretuguês se oferece como uma língua filosófica e política capaz de fazer “gritar o grito” e instaurar um estado de exceção no pensamento do século XX.

4. DE MENINAS A MENINOS

A diferenciação sexual e racial pensada a partir da articulação entre Real, Simbólico e Imaginário tem no ideal do eu, transmitido culturalmente, algo que organiza sintomas, fantasias e angústias, operando de modo distinto em meninos e meninas. Para Isildinha Baptista Nogueira, a dialética edipiana é estruturante. Em suas palavras: “O complexo de Édipo se dará, respectivamente, a partir do lugar do falo no desejo” (2021, p. 127). Em outras palavras: “o falo é primordial no processo da metáfora paterna, a medida em que desempenha um papel estruturante, instituindo-se como significante essencial do desejo na triangulação edipiana.” (p. 128) Duas moléculas incrustadas em uma só: a triangulação como pai/ mãe (H₂O) *versus* filho(a) quer expressar uma gestão da falta a partir de uma diferenciação sexual de ordem sintomática: a família edípica sustenta a falta como? Comendo, Comendador. O sintoma surge em uma relação de ciúme, e de inveja: É a inveja do penis, ou é o ciúme das desgraças que a mãe/mulher se vê tendo de sustentar. O cúmulo do núcleo familiar termina dando forma ao inconsciente burguês. Para Isildinha

o fato de um único órgão genital ser tão marcante na evolução sexual infantil explica o caráter Simbólico que se situa fora da Realidade anatômica, apontando para a falta como possível de ser subjetivamente representada por esse órgão. (...) O falo, portanto, é um elemento significativo sempre referido a uma função simbólica (Idem).

O que falta naquele que nos salva do amor da mãe, e “institui uma lei, um poder” (Ibidem)? Nisso que lhe falta estará a fórmula (H₂O) de nosso inconsciente. Devemos sim nos tornar o Rei-menino que líamos em nosso pai na nossa primeira infância.

5. DE SIGMUND FREUD EU QUERO A HIÂNCA

Freud, ao tomar o sexo como destino, acaba por normatizar perversões, ainda que sua obra tenha a “importância monstruosa”⁵ de revelar a sexualidade como uma estrutura psicopatológica trágica e inconsciente. A castração da sexualidade, segundo Freud, seria uma marca determinante para o advento de todos os humanos. A questão de como essa

⁵Palavras de Guimarães Rosa em entrevista a Günter Lorenz, disponível em: <<https://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/GuimaraesRosa-1965.htm>> Acesso em 28/02/2026.

castração se dá permanece atrelada ao Complexo de Édipo. Por volta dos três a quatro anos de idade, podendo esse período se estender até os sete ou oito anos, os infantes viriam a vivenciar situações traumáticas a partir das quais seríamos levados a recalcar, ou sublimar a sexualidade. A sexualidade infantil é referida como perversa e polimorfa. Os objetos parciais viriam da boca ao próprio anus em uma velocidade inconsciente. A insatisfação sendo uma das marcas da sexualidade infantil, é preciso nomeá-la como perversa no seguinte sentido. A busca por satisfação seria tão determinante no ser que somos que enquanto crianças buscamos, nos contornos de nossos orifícios, as virtudes de que quando já adultos tanto precisamos. Em virtude do tabu do incesto, quase toda cultura seria, para Freud, um processo de adoecimento. Uma exceção: a casta dos Faraós.

Isso porque, como agora os deuses não são apenas negros, as crianças ficariam mimadas. Antes de mais nada, para Freud, o Complexo de Édipo seria formador de um corpo: antes de aprender sobre o próprio corpo como um objeto “para o Outro”, sentimos vergonha. Jamais “em-si”, o infante compreenderia algo, até ser castrado. Talvez se possa deduzir disso, sim, o *pequi pra capá*.

Para o criador da psicanálise, cada ser humano seria o resultado de uma família onde os infantes precisam passar por situações de castração. No ‘pega a galinha para capá’, a galinha própria se cortaria a fim de dar um galo a Asclépio (vide o *Fédon*). Já em meio à melancolia e ao luto, a galinha perde a sua relação com os pintos. Fé no capataz, *pequi*. Somos a cadela negra com uma bunda grande rebolando para cuidar de todos sem ser, ela própria, nem vista nem cuidada. É a chave de cadeia desse carnaval onde o crioulo, dançando, na margem da lógica exposta em *Racismo ...* (2020) nos causa delícias, eis o nosso objeto de algo suficientemente abjeto, o nosso Malês. O gato é o O do meu H₂O, ué. Quem será o outro átomo de Hidrogênio? Pode ser a revolução dos Malês?! Com Lélia os erros da *alíngua* viram erotismos. A passagem “dos males aos Malês” deve ser pensada como o que se dá com Lélia, para quem os “erros” da língua — o pretuguês — revelam um inconsciente historicamente resistente. O retorno do recalcado se dá na *alíngua*, e na erotização da fala negra. Essa fala entra como operador, já no pós-crítica da neurose brasileira, da repressão racista. “Ai meu deus que bom seria se voltasse a escravidão” (Alves, 1956); eu comprava a nossa alforria, esse céu, esse mar, sem desolação. Foi preciso Lélia compreender os atos falhos não como erros, mas como evidências de um inconsciente que historicamente já

resiste: atuando de forma revolucionária. “O barato dos brancos”⁶ pode ser o crioulo dançando, mas, para mim, é a barata gemendo. O que significa dizer que o barato da branquitude é o ato de nos repreender? É o Símbolo que buscaria marcas no próprio corpo. Marcas que pudessem substituir a angústia causada pela ausência de um enigma. Essa mitologia explica, de fato, as coisas por meio do verossímil, mas não do verdadeiro; “ao passo que a filosofia busca o verdadeiro.” (Bottéro, 2011, p.18).

6. DEUS

Conforme Paloma Góis (2025, fala no GT Filosofia e Raça): “Talvez o grande problema seja que a ideia de Deus ainda esteja bem viva no discurso do colonialismo de poder. (devaneios). Matar Deus, ou mantê-lo vivo, não é garantia de progresso. Se novos valores dogmáticos tomarem seu lugar”, fudeu (*sic*), pois mais tristes seremos. É o que desnorteia: e o que nomeamos de s-Exu-alidade, a causa, o objeto do desejo colocado além do Deus até. Fora com o além-mar também! Na nossa medida, Deus só pode ser uma hierarquia: Tanto a criança quanto o adolescente precisam ser lembrados, e reconhecidos enquanto tais. O adulto e o idoso também. Já as diferenças entre essas hierarquias precisam ser mantidas. Essa lógica ainda se articula à noção freudiana de sexualidade infantil e ao caráter polimorfo do inconsciente, que termina permitindo compreendermos os sintomas produzidos por confusões hierárquicas entre infância, adolescência e vida adulta. O desejo de um adulto, de escapar das responsabilidades que lhe cabem, não se mantendo, por exemplo, auto-suficiente, ou se comportando como uma criança frente às mulheres, julgamos como uma tendência inconsciente dialética- problema.

Voltemos à imagem socrática da transferência que tem por modelo o H₂O. O núcleo familiar termina exatamente como começou. A água: Quanto mais sua densidade aumenta, mais a água se expande. Sob a forma de gelo, explode garrafas. A negra quilombola poder ser uma criança menino mimada é mais do que natural. Os fatos da psicanálise são: o trauma, onde habita o Real, e a falta, onde habita o Simbólico. Na diferença entre o Real e o Simbólico, o Imaginário vigora e, quando atrelado ao Simbólico, vigia; já quando atrelado

⁶O melhor exemplo de sua eficácia (da ideologia do branqueamento) está no barato da ideologia do branqueamento. (...) Se a gente parte pra alguma ‘crioulíce’, ela arma logo um esquema pra gente ‘se comportar como gente’. E tem muita gente da gente que só embarca nessa. (2020, p. 83. nota a).

ao Real, pune. São garrafas a explodir. E nós? A amarrar o grilo, dentro da gente. Issa! Essa é uma prerrogativa da menina. As meninas viriam a superar o terror da castração em virtude do amor ao pai. O que a menina Iansã teria a aprender com o pai Xangô? Poder se tornar uma cascavel na Gênese do Éden?! Como a visão do pai opera nesse processo? Em virtude do amor ao pai, aquele que se apresenta com o Outro, castrado, atrelado à mãe, será livre de todo mal. Liberdade, é morte! O Bem-amado será uma violência à lógica colonial guiada pela perversão. No pórtico das primeiras mulheres consideradas humanamente perversas estão Eva e Pandora. Responsabilizar a cobra pelas perversões? As maldades nas religiões fundadoras da cultura ocidental estão relacionadas exatamente à expulsão do paraíso. Isso se mostra melhor no ‘entre’ o silêncio, o não-saber, e a respiração⁷.

7. PSICANÁLISE, MITOLOGIA GREGA E MITOLOGIA NEGRA

Conforme já pontuado, segundo a mitologia grega, Europa teria sido uma princesa sequestrada por um Zeus metamorfoseado em touro. A princesa pode ter sido branca, já que fraca. Se fosse negra, seria ela quem teria sequestrado o touro. Onde permanecer mandando o rei Criolo será assim. Só de um rei que pode matar a gente com um amor altivo a tremular, e a trepidar, seremos súditos. Mas também seremos a Medeia revolucionária, a ‘monstra’ que vence. O que mais aprendemos com Isildinha Nogueira foi a deslocar o ideal de brancura. Apoiar-se no inconsciente é refletir a estrutura, cuja cultura é racista e misógina. Fazem-se urgentes as insurgências. Para decapitar em definitivo as raízes do racismo, e da submissão das mulheres à estrutura misógina, é preciso eliminar as bases vindas das *Oropa* (Gonzalez, 2020, p. 81). E por que somente agora viemos a determinar a necessidade de se eliminar as *Oropa*? Tanto o Complexo de Édipo quanto os revolucionários Malês são mitos. Mitológico quer dizer: pautado em uma narrativa tecida por meio de imagens. O próprio ato de supor os brancos europeus como Cãnone já seria estar no desejo da brancura. Um *Super-Id* cansado de um *Superego* de missa. Um tudo ao contrário da História de ruínas de uma Grécia longeva até ontem.

⁷Platão diferencia estes dois órgãos como autônomos: o pneuma (πνεῦμα, República, 394d, 488d, 496d), normalmente traduzido por “ventos”, mas que Cristo teria postulado como o músculo responsável pela respiração, também conhecida como diafragmática, capaz de curar; e o órgão da divina visão do Bem (527b).

Como propícia para nos guiar, a descoberta da s-Exu-alidade. Nada além do velho Édipo? Na *alíngua* poética. Onde se dá a falta que rege a mulher negra? Na inescapável reunião destes três planos: Imaginário, Simbólico e Real. Desejamos manifestar isso: nosso desejo de furar a bolha da cisnormatividade Patriarcal junto a um feminismo negro que reaprende a amar o Quilombo, e os Malês. No paraíso onde ciúmes dão lugar à revolução, Epifanias faíscam Íons. A ética como prenhe de uma carga erótica que se oferece como causa do desejo de se livrar dos sintomas, e que pode nos alçar a uma sexualidade causa de um prazer sem vergonha, capaz de reverter sobretudo o sentimento de nojo em um bem: precisamos disso. A vergonha pode ser lida como um sintoma cuja causa é erótica: isto é, atenta a apontar o poder-ser daquele que se envergonha mas também a possibilidade de sua morte. Todos sabemos. Somos soberanos. O Real não está só na tihosa polícia. Nos Malês, superar a divisão entre Real, Simbólico e Imaginário, é uma conquista cotidiana. Trata-se de um estar na *tiquê*, no extraordinário. É Ubuntu. É Sankofa. É ser, não a ruína de uma Grécia para sempre perdida, mas a utopia de nossos ancestrais. No paraíso onde ciúmes dão lugar à revolução, repetimos, Epifanias faíscam, Íons.

8. A NOSSA COISA

A sexualidade, acreditamos, tem relação como um órgão descoberto em meio à nossa sobrevivência. Sobre esse órgão como uma espécie de coisa desejamos ainda falar. O mulherismo afro-latino-americano é capaz de dizer exatamente do que precisamos agora. Precisamos das Revoluções: Quilombolas, indígenas, feministas, e das quebradas. Eis a nossa *Das Ding* (coisa), o necessário cuidado s-Exu-al. Onde o nosso *unheimlich* (estranho) possa apitar. Para isso, desejamos alcançar uma escuta meditativa. Trata-se de uma flecha só. Para que uma deusa negra possa brilhar, Oxossi tem que se Realizar como cura. Poder destacar o saber da música de origem diaspórica como divina, porque popular, é o que faz o povo brasileiro sorrir. Os sons da MPB que podem advir, sobretudo, quando alinhados com o coração em seu ato de pulsar, permitem a Iansã, essa Palas Atenas africana, voltar a manifestar-se. Oh trem bom sô... onde 'Macunaímas' param de trabalhar sem problemas... Isso terá permitido a Lélia um estado que denominamos de exceção dentre os filósofos do século XX: poder 'greitar' o grito – Êpa como sendo pretuguês com base em Iansã. E Kaô como sendo pretuguês com base em Xangô.

Na conchinha como que nos aparece conclamado o ‘retorno aos gregos’ como ‘um trem’, uma coisa (*Das Ding*) que até pôde aparecer como desejável: Cada um à sua maneira, Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger nos deixavam mais alta. Isso sobretudo quando nós nos deixamos tomar pela mística platônica. Haja intervenção divina para se ter paciência! Pedir ao Pandeiro para ser uma Eva, tudo bem Luísa Mahin? Em Malês, deduz-se, que o trem terá chegado a ser diferente bem no seu início? Substituímos a tensão institucional colonialista por um tesão contra-colonial onde não há privilégio de classe? Os Malês provaram o Haiti ser aqui. E nós, o que provaremos? Decapitando-a, à metafísica eurocentrada, nos livramos de maldições. A imagem de Orfeu decapitado pelas bacantes deve ser agora aqui ressignificada. Como gesto ético e criador tem permitido às mulheres retomarem o centro do cuidado de si frente aos efeitos do Patriarcado. Nossa culminância está na defesa do silêncio, da escuridão e do aquilombamento como espaços de verdade e de criação, onde conflitos podem ser habitados sem aniquilação.

Daí a convocação a uma “outra decapitação”: a simbólica da Europa, junto e a partir do pretuguês de Lélia Gonzalez, como condição para um desejo bem vagabundo. Fora as estruturas racistas e misóginas que nos constituíram! Eliminar a metafísica eurocentrada significa preferir um inconsciente “a céu aberto” a um pensamento ainda colonial. Articulamos inconsciente e política como campos inseparáveis. Contra facínoras, o canto e a dança. Aqui sempre foi assim. Porque somos seres fantásticos, gesticulamos, com fé. Então, fica com medo. O mantenedor da estrutura racista e misógina vai cair, e soçobrar No-nada. Quem abusa do povo, todos cairão. Porque aqui jaz a missa. Mas é possível superar o colonialismo com base em autores europeus? O que, de início, parece impossível pode ser o oposto disso. Conforme julgamos haver no pretuguês uma res-piração Pirapora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em diálogo crítico com as filosofias clássicas (Platão, Nietzsche, e Heidegger), buscamos mostrar que a idealização metafísica — da justiça, da técnica, da razão ou da brancura — permanece estruturando-nos e ao mundo contemporâneo, inclusive suas crises (climática, ética, científica) com base em uma metafísica idealizadora de base colonial que nos adoce em males sem fim. Platão e Heidegger não foram descartados, mas lidos como insuficientes. Faltou-lhes, aos filósofos, inclusive por anacronismo, enfrentar as dimensões

de gênero, raça e colonialidade que hoje retornam como o Real. Essa falta não é apenas deles: é também nossa. Para não repetir essa mitologia em ato, propomos o imperativo de “decapitação”: retirar o poder Simbólico de figuras como Perseu, representante de uma justiça patriarcal racializada.

Propomos que a psicanálise não busca o fim do desejo — o que equivaleria à aniquilação do sujeito e da liberdade — mas assume o trágico como condição de resistência. Diferentemente da fenomenologia, que pode vislumbrar serenidade diante do fim, a psicanálise afirma que nem liberdade nem ética encontramos sem atravessar o trágico. A noção de decapitação foi aqui proposta como uma castração simbólica: criticando o Símbolo que se fixa em pessoas, culturas e mitologias opressoras, visamos impedir que o racismo e a misoginia criem raízes. A filosofia, sozinha, foi considerada insuficiente para enfrentar o patriarcado; por isso, elegemos a psicanálise como técnica privilegiada para analisar o desejo, o futuro e o poder da castração, entendida como gesto dialético e libertador. A análise aqui foi defendida como uma escuta dos sintomas — chistes, sonhos, obsessões — orientada por três conceitos fundamentais: o silêncio do analista, a morte e a ética. A morte foi concebida como via de acesso ao Real, entendido não como aniquilação, mas como passagem de nível na compreensão de si, e de não desconhecimento do próprio desejo.

Diferentemente da ética do Bem platônico, a psicanálise aposta na sexualidade como causa do desejo e na ética erótica como via de transformação dos sintomas, inclusive da vergonha. Diante disso, a clínica psicanalítica não pode se restringir ao âmbito individual. Sendo a tese da falta o que nos orienta, é importante a certeza do que foi demonstrado eticamente, de haver mais psicanalistas em processo de transferência *com* Quilombos e até com Caboclos(as). Desmontar o mito que associa o feminino ao mal e reconhecer que o ciúme, assim como o colonialismo, opera pelo aprisionamento do olhar foi preciso. É nesse tensionamento que surgiram os conceitos de males e de Malês: os males como obsessões e paranoias, e os Malês como figura de uma práxis revolucionária. Questionamos a possibilidade de superar o colonialismo a partir de autores europeus, respondendo que isso pode ser possível se atravessado pelo não-saber da psicanálise e pelo pretuguês como causado e como causa de uma respiração simbólica.

Contra isso, Lélia já propôs uma ética: sujeitos barrados pelo racismo, mas capazes de transformar os males em força política e clínica. Com base no termo s-Exu-alização apontamos formas de subjetivação nem masculinas nem femininas, mas sim aladas, móveis,

e insurgentes. O psicanalista, nesse horizonte, não elimina sintomas, mas sustenta a falta, escuta o Real e se alia às revoluções — quilombolas, feministas e anticoloniais. Autoras como Isildinha Nogueira nos levaram a reler a clínica psicanalítica a partir da experiência negra: onde a brancura teima em surgir como significante erótico de poder, e o desejo de plenitude como desejo de brancura. O “*penisneid*” foi deslocado para uma inveja branca, decapitada, do poder Simbólico, racial e social. Nesse contexto, trouxemos também a figura do balaústre da moralidade para nomear um lugar moral imposto historicamente às mulheres negras — guardiãs da moral alheia —, cuja recusa permite-nos um gesto subversivo fundamental: o ato de rir de si mesmas, o que abre brechas para uma forma subversiva de lidar com o patriarcado.

Metodologicamente, buscamos performar o que defendemos: uma escrita em que forma e conteúdo se implicam, produzindo um pensamento que dança, canta e resiste, assumindo o risco de abdicar da densidade conceitual clássica em favor de um gesto contemplativo e político. De Xangô, e suas réguas Redondilha maior, e a melhor Crioula, sou sua-da égua. Propomos a psicanálise como um eixo revolucionário, não fundada em uma filosofia primeira, mas em experiências históricas e corporais marcadas pela dor, pela exclusão e pela ausência de amparo. Essa cabocla que somos não quer apenas reparação histórica. Já a filósofa pansexual não quer mais um Deus. Na escuta, a habilidade de se deixar, durante a atenção flutuante, ouvir-se já é de grande valia. Aí nos deixaremos, quem sabe, já em Malês. Reiteramos: trata-se de uma posição fálica, né, isto é, nem religiosa nem militante. No Imaginário racista colonial brasileiro, nossa imagem é continuamente atrelada ao Simbólico e tem sido recalcado o Real. Exigências policiais, perfeccionismos nos são exigidas, já, no Real. Lemos essas exigências como punições. No Simbólico, homenagens às mulheres negras são devidas. Isso que nos faz falta. Curar essa falta é um trabalho de Sísifo, é verdade. É enxugar gelo. Porém, na singularidade onde habito, há uma mulher Malê negra-de-pele-branca que opera sobre o inconsciente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ataulfo. **Mulata assanhada**. Intérprete: Ataulfo Alves. Rio de Janeiro: Odeon, 1956. 1 disco sonoro (3 min), 78 rpm.

ARAÚJO, Fabíola. **Descoberta de destino, castração e morte na máquina cibernética**. *Psicanálise & Barroco em Revista*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 74–88, 2012. DOI: 10.9789/1679-9887.2012.v10i2. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/psicanalisebarroco/article/view/XXXX>. Acesso em: 11 ago. 2024.

ARAÚJO, Fabíola. **Fenomenologia de Eros e de Afrodite em Safo**. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 91–111, 2020. DOI: 10.12957/ek.2019.46756. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/46756>. Acesso em: 24 jan. 2026.

_____. **O tempo em Lacan**. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 103–114, 2016. DOI: 10.1590/S1516-14982016000100007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016000100007>. Acesso em: 24 jan. 2026.

BOTTÉRO, Jean. **No começo eram os deuses**. Tradução de Marcelo Rede. São Paulo: UNESP, 2011.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941**. Dispõe sobre as contravenções penais. Rio de Janeiro, 1941. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 9 abr. 2026.

DUSSEL, Enrique. **1492: O ENCOBRIMENTO DO OUTRO: a origem do mito da modernidade**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

ÉSQUILO. **Oresteia**. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. (Obra original do século V a.C.).

GÓIS, Pamela Cristina de. **POR UMA PEDAGOGIA DA DECOLONIALIDADE: Nietzsche e a filosofia decolonial libertária em prol do nascimento de espíritos livres**. 2024. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio

de Janeiro, 2024. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/34/teses/953974.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **LÉLIA GONZALEZ: por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 115–125.

_____. **Mito feminino na revolução malê**. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **LÉLIA GONZALEZ: por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 285–288.

_____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **LÉLIA GONZALEZ: por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 67–83.

HEIDEGGER, Martin. **Lógos**. Tradução de Jacques Lacan. *La Psychanalyse*, Paris, n. 1, 1956.

HOMERO. **The Homeric hymns and Homerica**. Tradução de Hugh G. Evelyn-White. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1914. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0137>. Acesso em: 3 fev. 2022.

HOOKS, bell. **ENSINANDO A TRANSGREDIR: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **QUARTO DE DESPEJO: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LACAN, Jacques. **Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise**. In: LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p. 237–322.

_____. **LE SÉMINAIRE, LIVRE VIII: le transfert (1960-1961)**. Paris: Seuil, 1991.

_____. **O SEMINÁRIO, LIVRO 20: mais, ainda (1972-1973)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **O SEMINÁRIO, LIVRO 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NOGUERA, Renato. **GALINHA D'ANGOLA: infância, filosofia e educação**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A COR DO INCONSCIENTE: significações do corpo negro**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

OPENAI. **ChatGPT (GPT-5.2)** [modelo de linguagem]. 2026. Disponível em: <https://chat.openai.com/>. Acesso em: 22 jan. 2026.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

SÓFOCLES. **Édipo rei**. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. (Obra original do século V a.C.).